

CORPO E TECNOLOGIAS DIGITAIS: IMPLICAÇÕES DE GÊNERO NO FUTEBOL FEMININO

Alcidesio Oliveira da Silva Junior [*]

Mayanne Júlia Tomaz Freitas [**]

Jeanne Félix [***]

[*] Mestrando em Educação. Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5536-064x>

E-mail: ateneu7@gmail.com

[**] Mestre em Educação. Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3608-8318>

E-mail: mayannetomaz51@gmail.com

[***] Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Professora da Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4754-0074>

E-mail: jeanefelix@gmail.com

RESUMO

O futebol, assim como outras atividades físicas, foi culturalmente construído por meio de um binarismo que divide a sociedade em dois blocos: de um lado os homens e do outro as mulheres. Entre espaços socioculturais distintos, existem sujeitos que optam por borrar as fronteiras de uma lógica (vista como) coerente entre sexo-gênero e decidem [res]significar seus lugares de homens e mulheres fora dos padrões esquadrihados pela cultura e pela sociedade. Diante disso, nosso objetivo é compreender como a inserção das mulheres nos jogos de futebol reverberam em discursos sexistas nas redes sociais. Metodologicamente, esta pesquisa inscreve-se como qualitativa, documental, com interface entre os Estudos de Gênero e Sexualidade[s] e o campo dos Estudos Culturais da Educação. Para este texto, escolhemos como ponto de partida para as análises o *Facebook*, entendendo-o como uma Pedagogia Cultural na constituição de atravessamentos de gênero e sexualidade que localizam-se nas imagens escolhidas e nos comentários dos/das internautas, fazendo das publicações sobre a Copa do Mundo de Futebol Feminino 2019 espaços de sociabilidades e de educação em torno das possibilidades da vivência de gênero e/ou sexualidade[s] destes corpos - lidos como femininos - e que entram em campo fugindo das regras pré-definidas pela cultura.

Palavras-chave: Corpo. Pedagogias Culturais. Tecnologias digitais. Estudos Culturais. Gênero.

AQUECIMENTO

Em uma sociedade marcada por binarismos que reproduzem uma matriz heterossexual (homem x mulher) em diversas atividades que permeiam o cotidiano – o trabalho, o lazer, as relações de gênero e sexuais –, cada vez mais mulheres resolvem desbravar espaços hegemonicamente tomados pelos homens, enfrentando questionamentos sobre sua capacidade física, intelectual e emocional, evidenciando embaraços pela presença de um corpo culturalmente deslocado, produzido apenas para movimentar-se silencioso em determinados ambientes. Aos homens: os espaços públicos, as vozes de comando, as atividades físicas bruscas, viris, a liberdade sexual, a administração de uma sociedade, os postos de poder; às mulheres: a casa, a cozinha, a sutileza da agulha e do tear, a maternidade e as profissões que carregam em si os reflexos do vivenciado nestes espaços: o cuidado, o afeto, o ensino.

Nesta pesquisa, resolvemos nos ater ao futebol, que assim como outras atividades físicas, foi culturalmente construído e reconhecido por meio de um binarismo oposicionista que divide a sociedade em dois grandes blocos: de um lado os homens e do outro as mulheres, sendo o futebol considerado como espaço (quase que) natural dos homens, de modo que não se fala em futebol masculino, apenas futebol, quando destinado a eles, mas que é sempre associado ao adjetivo feminino quando destinado a elas. Estes espaços opostos, arquitetados para que tais indivíduos atendam às expectativas do gênero marcadas desde o nascimento pelo sexo biológico (e pelas pedagogias de gênero que se desenvolvem a partir da “descoberta” na ultrassonografia: é menino ou menina, operando sempre nessa perspectiva binária), revelam os entrelaçamentos de poder que atuam sobre os corpos por meio de “[...] ‘manobras’, ‘técnicas’, ‘disposições’, as quais são, por sua vez, resistidas e contestadas, respondidas, absorvidas, aceitas ou transformadas” (LOURO, 1997, p. 39). E são nessas práticas de não responsividade e de resistência que algumas mulheres resolvem adentrar em campo de futebol, subverter as regras de um corpo culturalmente inapropriado e exercer novas formas de poder, de contestação da ordem binária, de superação dos limites vendidos como naturais pela sociedade. Cabe lembrar, contudo, que aquilo que nomeamos como natural, na medida em que é assim nomeado, já passa a ser também uma construção cultural.

Em tempos anteriores ao início da formatação do futebol nos moldes contemporâneos, jogos populares medievais eram realizados nas ruas ou em campos abertos, segundo Dunning (2011), praticados não entre times, mas entre representantes de grupos diversos, como homens

solteiros contra homens casados ou habitantes de uma cidade contra outra. Ainda de acordo com o autor, “[...] mãos, assim como pés e algumas vezes pedaços de pau podiam ser usados para controlar e propelir a bola, e cada lado tinha que transportar a bola para o que era estabelecido por hábito como o gol” (p. 17). Nesta época, havia registros de jogos entre mulheres casadas contra mulheres solteiras (DUNNING, 2011), antecipando práticas que seriam ecoadas séculos depois.

Porém, a forma lúdica e a organização do futebol que conhecemos hoje foi regulamentada apenas no dia 26 de outubro de 1863 na Inglaterra com a fundação da *Football Association*, reunindo dezenas de colégios que já praticavam, cada um ao seu modo, o esporte. Mas é importante destacar que estas regras surgiram por uma demanda da burguesia, visto que o formato originário do esporte, surgido em plena Revolução Industrial na primeira década do século XIX, carregava a violência, a revolta e as insatisfações do operariado explorado, segundo Magalhães (2010). De acordo com a autora, “foi exatamente para controlar as classes mais baixas e a violência do jogo que se impôs regras ao futebol, que se tornou uma importante – e interessante para as elites – válvula de escape dos explorados” (Idem., p. 14).

Esta breve retomada histórica pode revelar indícios da composição generificada que permeia as práticas esportivas, neste caso, o futebol. Violência, sangue, brutalidade, força, revolta... seriam estes elementos, sentimentos, vivências, características, esperadas, em uma cultura como a nossa, das mulheres? Estariam as mulheres permitidas a experimentar estas vivências? Pensamos juntamente com Adelman (2006, p. 11) que “o campo das práticas esportivas e corporais é, com certeza, um terreno extremamente fértil para testar hipóteses sobre as mudanças nas relações e representações de gênero na sociedade contemporânea”.

Em pleno século XXI, essa regulação em torno de uma norma que aponta para uma sociedade heteronormativa é propagada por diversos vetores, sendo a mídia e/ou as tecnologias digitais, artefatos culturais que agem com muita potência na [re]produção de discursos que, de certa forma, legitimam o lugar de poder do homem (assim, no singular, por representar também um – e não múltiplos – modelo[s] de homem) em detrimento do lugar muitas vezes pormenorizado das mulheres (aqui, no plural, porque quando se trata de futebol, caberia a todas elas) na sociedade. Diante disso, o objetivo desse texto é compreender como a apropriação de jogos marcadamente masculinos, como o futebol, pelas mulheres e o seu trânsito nestes espaços reverberam nos discursos sexistas que habitam as redes sociais. Nos movimentamos no corpo

deste texto com base em duas perguntas: o que tem sido dito sobre as jogadoras nas redes sociais? O que representa estes corpos na Copa do Mundo de Futebol Feminino 2019?

Para tanto, recorreremos a uma análise cultural dos comentários de homens/mulheres em páginas no *Facebook* entre os dias 07 de junho a 07 de julho de 2019 (período dos jogos), que faziam referência à Copa do Mundo de Futebol Feminino 2019, veiculadas em duas *fanpages* de esportes: **Globo Esporte** e **UOL – Esporte Interativo**. Entendendo as redes sociais como pedagogias culturais na constituição de subjetividades atravessadas pelo gênero, a imersão dos nossos olhares se deu nos 200 primeiros comentários de cada notícia – os mais curtidos, mais respondidos – com base em uma pesquisa, destas notícias, impulsionadas pelas palavras-chave: “seleção”, “seleção feminina” e “copa feminina”. De modo breve, tomamos pedagogias culturais como uma “ferramenta teórica acionada para discutir a relação entre artefatos da cultura e processos educativos” (ANDRADE e COSTA, 2015, p. 49). Para as autoras, “o conceito de pedagogias culturais tem sido útil tanto para expandir, multiplicar e matizar o entendimento sobre pedagogia quanto para explorar as qualidades pedagógicas da vida social” (*idem*).

Para as análises, utilizamos um repertório teórico dos Estudos Culturais (COSTA e ANDRADE, 2015; WOODWARD, 2014), Estudos de Gênero e Sexualidade (LAURETIS, 1994; LOURO, 1997; MEYER, 2004) e Corpo (GOELLNER, 2005; MORÃO e MOREL, 2005), compreendendo as tecnologias digitais como facilitadoras de sociabilidades e de educação em sentido ampliado – aquela que ocorre nos mais variados espaços sociais, escolares ou não – em torno das possibilidades da vivência de gênero e/ou sexualidades[s] destes corpos - lidos como femininos - e que entram em campo fugindo das regras pré-definidas pela cultura.

Dialogamos nesta pesquisa com autores como Martín-Barbero (2014), compreendendo que vivemos, hoje, não apenas em uma sociedade com sistema educativo, mas uma sociedade educativa, cujos processos pedagógicos atravessam tudo. Inseridos/as como estamos em um aprofundamento das relações sociais mediadas pelas tecnologias, podemos tecer reflexões sobre as potencialidades pedagógicas dos artefatos culturais, a exemplo da internet, particularmente das redes sociais, na constituição das formas (aceitas e valorizadas) dos sujeitos se relacionarem, pensarem, se moldarem e construírem suas identidades, “[...] um novo modo de relação entre os processos simbólicos – que constituem o cultural – e as formas de produção e distribuição de bens e serviços” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 79).

A cultura, portanto, como um sistema partilhado de significados (WOODWARD, 2014), se evidencia como uma potente ferramenta multiplicadora de sentidos, produzindo, por meio de suas representações, formas de os sujeitos serem interpelados, sacudidos e conhecerem outras maneiras de estar e se posicionarem no mundo. É na cultura também, conforme Meyer (2004, p. 15), “[...] que se produzem sentidos múltiplos e nem sempre convergentes de masculinidade e feminilidade”. Ainda segundo a autora, a educação engloba um complexo de forças e de processos que compreende também os meios de comunicação de massa, os brinquedos, a literatura, o cinema, etc., “[...] no interior dos quais os indivíduos são transformados em – e aprendem a se reconhecer como – homens e mulheres, no âmbito das sociedades e grupos a que pertencem” (MEYER, 2004, p. 15).

Antes de darmos seguimento às nossas reflexões e análises, indicamos como tomamos três conceitos centrais em nossas análises, quais sejam: cultura, gênero e sexualidade. Na perspectiva dos Estudos Culturais, esses três conceitos são tomados como construções culturais, que ocorrem em processos nunca prontos, fixos ou finalizados. Cultura é um campo de luta e de contestação em torno dos sentidos (HALL, 2019). Gênero seria a construção cultural das masculinidades e das feminilidades, seguindo ou burlando as regras sociais binárias e dicotômicas que ligam, imediatamente, a homens e mulheres, respectivamente (LOURO, 1997). Por sua vez, a sexualidade seria a manifestação dos desejos afetivo-sexuais por pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos, o que se manifesta, muitas vezes, por meio de borramentos das fronteiras da heterossexualidade (LOURO, 2000).

1º TEMPO – FUTEBOL COMO UM ESPAÇO MASCULINIZADO. E QUANDO A MULHER ENTRA EM CAMPO?

Na história da sociedade ocidental, em específico, a divisão sexual do trabalho (HIRATA e KERGOAT, 2007) foi apontando espaços diferentes para mulheres e homens, com mudanças progressivas que se manifestam até os dias de hoje por meio dos movimentos feministas e de mulheres, que passaram a ocupar (e exigir a ocupação de mulheres em) espaços, tanto nas esferas públicas quanto privadas. Assim como a ciência é considerada androcêntrica (SILVA, 2008), o futebol também se constitui nesta perspectiva, na medida em que foi organizado por e para homens, apresentando, especialmente nas últimas décadas, a presença de mulheres que buscaram/buscam borrar as fronteiras, a partir da ocupação de espaços que

antes lhes eram proibidos e negados. Com a entrada das mulheres na cena do futebol, surgem os questionamentos: Qual o imaginário social em torno dessas mulheres? Como seus corpos são vistos (desejados, objetificados, questionados)?

Mourão e Morel (2005, p. 79) destacam que a constituição do esporte, e em especial do futebol, na cultura brasileira se deu: “como um espaço de práticas sociais masculinas através da sua história. E o futebol como uma prática esportiva identitária da construção deste masculino terminou por concentrar uma resistência, ainda maior do que os outros esportes, à prática feminina”.

Para a mudança nesse cenário e, conseqüentemente, a transformação dessa cultura, houve/há muita resistência, afinal estamos falando de uma cultura, que por sua vez, é machista, binária e androcêntrica. O futebol é, nessa perspectiva, uma pedagogia cultural que se manifesta a partir de práticas culturais e pedagógicas (quase nada) sutis de ensinar sobre as formas (desejadas e exigidas socialmente) de ser homem e mulher, masculino e feminino, em nossa cultura. Assim, com a finalidade de evidenciarmos estas práticas culturais, traremos nesta primeira seção alguns comentários do UOL Esporte (fanpage do Facebook), visto que esta é uma rede social bastante popular na qual as pessoas costumam externar suas opiniões, uma mídia que vincula-se a características próprias da sociedade, como “uma complexa teia de circulação, recepção e interação de informações” (MOURÃO e MOREL, 2005, p. 78).

Em análise sobre as narrativas do futebol feminino na mídia impressa, Mourão e Morel (2005) destacam que na legislação esportiva (Decreto Lei nº 3.199, do Conselho Nacional de Desporto, de 14 de abril de 1941) existia claramente uma divisão de práticas para homens e mulheres, além de evidenciar também a necessidade de adaptação aos padrões de masculinidades e feminilidades postos pela sociedade da época (muitos desses, inclusive, têm reflexo até os nossos dias, como o futebol ser um esporte de/para homens).

A Imagem 1, a seguir, traz comentários sobre matérias a respeito das mulheres no futebol, publicadas no dia 7 de julho de 2019, intituladas: “Personalidades dos EUA comemoram título mundial da seleção”; e “Globo registra 20 pontos de audiência em SP com final da Copa Feminina”. Entre os discursos destaca-se o “*Parabéns meninos rss*” e “*Cara até tem uns jogadores bonitinhos essas seleções femininas rsrs*”. Os comentários trazem a satirização dos corpos quando fazem piadas colocando as mulheres na posição do masculino, ou seja, o que a sociedade vem a chamar de “mulher-macho”. Nesse exemplo, há uma associação entre o corpo que joga e uma suposta masculinidade, afinal, futebol seria esporte

(exclusivo) de homens (heterossexuais, obviamente!). Além disso, percebemos uma estreita ligação entre gênero e sexualidade, na medida em que se diz sobre a existência de “jogadores bonitinhos” a referência é ao desejo sexual pelo(s) corpos(s) que se encaixam dentro de um padrão de beleza.

Imagem 1 – Comentário 1 no “Uol Esporte”



Fonte: *Fanpage* Uol Esporte, 2019

A satirização do corpo das mulheres no futebol pode ser explicada por Goellner (2005, p.143) a partir da:

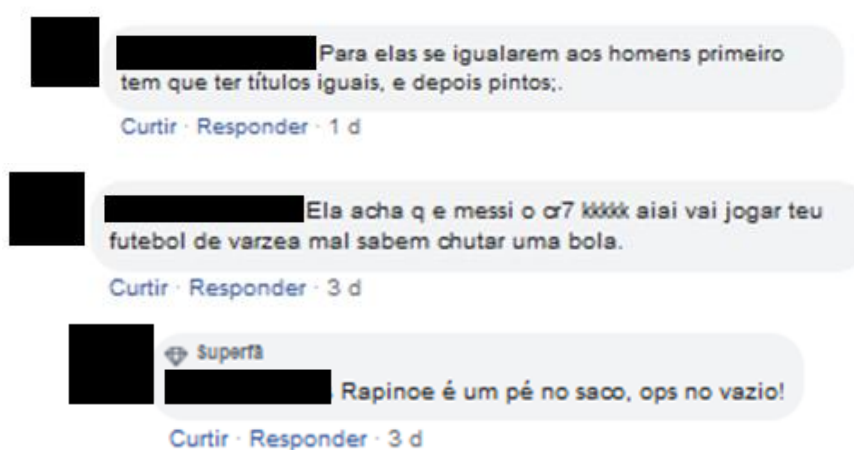
[...] aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza. Por estarem profundamente entrelaçados, esses argumentos acabam por reforçar alguns discursos direcionados para a privação da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas tais como o futebol e o as lutas.

Existem ainda locais culturais que apreciam uma representação de feminilidade pensada pela beleza e sensualidade dos corpos das mulheres. No entanto, no campo de futebol ou nas arenas de lutas, esses corpos performantes causam estranhamento, uma vez que passam por treinamentos e exercícios físicos continuamente, resultando em características viris que colocam em xeque sua (obrigatória, pressuposta, necessária) feminilidade e autenticidade de seu sexo (GOELLNER, 2005). Questionamentos acerca do corpo físico e sobre o sexo vão ser postos nos comentários presentes na Imagem 2.

As matérias intituladas “Copa feminina termina com gritos por igualdade de pagamentos com masculino” (publicada no dia 7 de julho de 2019) e “Rapione crítica Fifa por três finais no mesmo dia: ‘Faltou respeito’” (publicada no dia 6 de julho de 2019) vão ser o ponto de discussão da Imagem 2. A primeira matéria fala sobre o pedido de igualdade salarial das jogadoras em relação aos valores recebidos pelos jogadores homens e da necessidade de reivindicações no que diz respeito à equidade de gênero; já a segunda matéria trata da

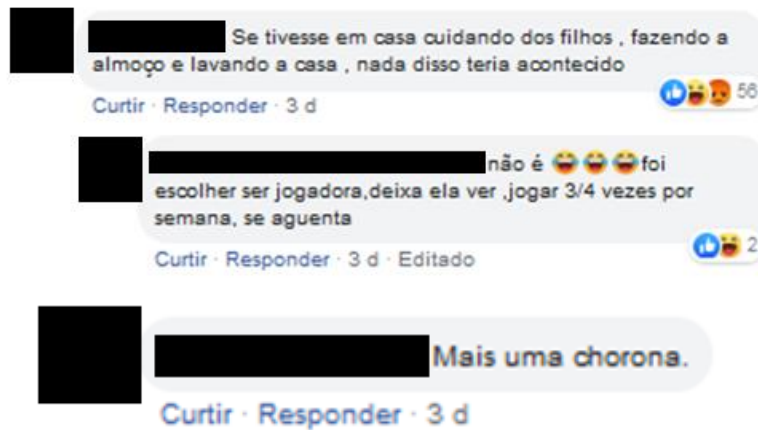
indignação que Rapione, capitã do time dos Estados Unidos, pelo fato da FIFA ter colocado três finais no mesmo dia, dando a entender o descaso com a Copa Feminina. Os comentários fazem comparações aos homens tanto no modo de jogar *“Ela acha que é o Messi kkkk aiai vai jogar teu futebol de várzea, mal sabem chutar uma bola”*, quanto em questões físicas, sendo inclusive esses comentários ligados ao sexo: *“Para elas se igualarem aos homens primeiro tem que ter títulos, e depois pintos”*. É como se além de ser mulher o seu órgão genital surtisse algum efeito em campo, ou seja, é como se o “falo” tivesse algum poder no imaginário cultural das pessoas. Costa e Bonfim (2014, p. 230) apontam, o falo como significante de “todo desejo, seja do homem ou da mulher, possui referência fálica”. As autoras ainda destacam que o falo não é a parte que organiza a sexualidade, “mas a representação psíquica imaginária e simbólica construída a partir desta região corporal do homem” (p. 231).

Imagem 2 – Comentário 2 no “Uol Esporte”



Fonte: *Fanpage Uol Esporte*, 2019

Ainda sobre a matéria que destaca a indignação da jogadora, a Imagem 3 vai apontar outros comentários que questionavam: o suposto tradicional lugar das mulheres: *“Se tivesse em casa cuidando dos filhos, fazendo o almoço e lavando a casa, nada disso teria acontecido”*; a força e capacidade das jogadoras: *“...não é kkk foi escolher ser jogadora, deixa ela ver, jogar 3/4 vezes por semana, se aguenta”*; e a associação de mulher como um ser sentimental: *“Mais uma chorona”*. Os comentários traçam o perfil de mulher que foi culturalmente construído pela cultura patriarcal e machista, na qual a mulher é “dona” de casa (no caso, o dona é utilizado não como propriedade, mas como responsabilidade pelos afazeres domésticos e cuidado com as crianças, caso existam filhos/as) e é um sexo frágil e sentimental (Imagem 3).

Imagem 3 – Comentário 3 no “Uol Esporte”

Fonte: Fanpage Uol Esporte, 2019

Nos comentários apontados na Imagem 3, podemos identificar que a inserção deste corpo feminino em práticas culturais historicamente delegadas aos homens, ainda é carregada de julgamentos em torno das capacidades físicas, emocionais e, também, de uma “não-feminilidade”. Morão e Morel (2005, p. 84) fortalecem esta argumentação ao apontarem que há “[...] uma resistência à inserção das mulheres nos gramados, como se o brilho do esporte pudesse ser diminuído pela sua prática”, evidenciando os discursos que produzem os lugares permitidos, autorizados (ou não) a estes corpos. A generificação da cultura, (re)produzida por meio as pedagogias culturais, operam posicionando homens e mulheres em lugares distintos (MEYER, 2003), julgando, humilhando, ridicularizando aquelas e aqueles que ousam borrar (ou mesmo trocar) as fronteiras de gênero.

2º TEMPO – O CORPO DA MULHER E O FUTEBOL: OS FALATÓRIOS NAS REDES SOCIAIS

Ainda amparados/as nestes entendimentos iniciais sobre a amplitude dos espaços pedagógicos e dos seus atravessamentos nas [re]significações de gênero, buscamos novamente nos comentários do *Facebook* apontar algumas pistas acerca de como se dão as percepções dos/das internautas quanto ao corpo da(s) mulher(es) em um espaço originalmente destinado aos homens – o futebol – e como as tecnologias digitais podem atuar como redes educativas, fomentando aprendizados sobre os modos de ser homem e de ser mulher, (re)produzindo pedagogias de gênero e de sexualidade.

Em uma matéria do dia 20 de junho de 2019 da *fanpage* Globo Esporte cujo título é “Definidos os duelos das oitavas de final da Copa do Mundo”, um internauta comenta: “*Futebol feminino nem tem graça assistir, voltem para cozinha garotas*” (Imagem 4). Uma questão emerge: será realmente que o incômodo se dá pela performance das jogadoras ou pela presença destas em um lugar conferido como propriedade exclusiva dos homens até pouco tempo atrás? Um lugar classificado como não “natural” às capacidades físicas de uma mulher, pois, de acordo com Louro (1997, p. 84-85):

A linguagem, as táticas de organização e de classificação, os distintos procedimentos das disciplinas escolares são, todos, campos de um exercício (desigual) de poder. Currículos, regulamentos, instrumentos de avaliação e ordenamento dividem, hierarquizam, subordinam, legitimam ou desqualificam os sujeitos

Imagem 4 – Comentário 4 no “Globo Esporte”



Fonte: *Fanpage* Globo Esporte, 2019

Ao inscrever no corpo das mulheres a destinação aos ambientes privados, encerradas em suas cozinhas, percebemos marcas históricas resistentes a se desvencilharem dos discursos hegemônicos, em um campo de disputa, de avanços/retrocessos; um corpo que “[...] é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc.” (GOELLNER, 2013, p. 30). Pensando por esta perspectiva não-naturalista, concebemos o corpo como um produto histórico e, portanto, passível a provisoriades, observação e classificação. Há, ainda, nesse comentário, uma observação que nos parece potente para perceber os atravessamentos de gênero na reprodução dos lugares tradicionais de homens e mulheres: quem comenta que “as garotas devem voltar para cozinha” é uma internauta mulher. Percebemos aqui como as pedagogias de gênero (e os lugares secundarizados atribuídos às mulheres, tal como o espaço doméstico) são reforçadas inclusive pelas mulheres, demonstrando sua produtividade. Por isso, quando falamos em gênero não o pensamos como sinônimo de mulheres ou de feminino, mas como

algo que se dá nas relações entre homens e mulheres, mas também entre homens e homens, mulheres e mulheres (FÉLIX, 2012).

Dialogando com a imagem relativa à matéria intitulada “Para todas as mulheres torcedoras do nosso país. Vamos, Brasil!” do Globo Esporte (23 de junho de 2019), percebemos novamente a tentativa performativa por meio da linguagem, tanto visual quanto textual, de sedimentar os corpos das mulheres em espaços privados. De acordo com Goellner (2013, p. 31), “filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas são também locais pedagógicos que estão, o tempo todo, a dizer de nós, seja pelo que exibem ou pelo que ocultam”.

Imagem 5 e 6 – Comentário 5 e meme 1 no Globo Esporte



Fonte: Fanpage Globo Esporte, 2019

Na imagem 5, as esponjas ligadas ao universo construído como doméstico e, portanto, feminino, reforçam o discurso da(s) mulher(s) como dona(s) de casa, apontando para a inadequação desta(s) no futebol, além do desconforto gerado por movimentos que rompem o padrão determinado por nossa cultura heterossexista, atravessada por regramentos de gênero. Um dos comentários na matéria, como podemos observar na imagem 6, se deu apenas com a utilização de um texto verbo-visual, também conhecido como *meme*, elemento presente na cultura digital dos nossos tempos. Segundo Fontanella (2009, p. 09), os memes são “[...] ideias, brincadeiras, jogos, piadas ou comportamentos que se espalham através de sua replicação de forma viral”, destacando-se, portanto, como um produto da cultura, sendo reproduzido de maneira a constituir-se como prática social.

Assim, sendo um conjunto de manifestações ciberculturais (HORTA, 2015), os memes também adentram/produzem a arena de poder das significações sociais, no caso da imagem, fazendo conexões do “ser mulher” com as atividades domésticas, atuando “[...] nas formas

como as pessoas pensam e agem sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca como nas escolhas que fazem e nas maneiras como organizam suas vidas” (COSTA e ANDRADE, 2015, p. 845).

Na matéria do Globo Esporte intitulada “Rival FIFA tem seleções femininas desde 2015” (05 de julho de 2019), que trata da não inclusão de times femininos no jogo *Pro Evolution Soccer 2020* para *Playstation 4* e *Xbox One*, é possível perceber, nas imagens a seguir, trechos que, mais uma vez, estereotipam as mulheres por meio de comentários e memes reprodutores de uma lógica sexista de tarefas sociais distintas entre homens/mulheres e um ideal de feminilidade que não abarca a todas as mulheres (Imagens 7 e 8).

Imagem 7 e 8 – Comentário 4 e meme 2 no Globo Esporte



Fonte: Fanpage Globo Esporte, 2019

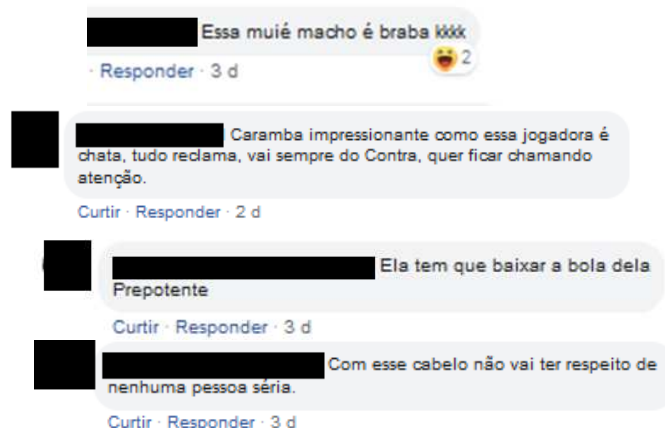
As imagens 7 e 8 não apenas evidenciam a repetibilidade da naturalização das características conferidas pela cultura às mulheres – de inferioridade, fragilidade e responsável por tarefas domésticas – sendo, portanto, úteis para o lar e criação dos filhos e filhas, como também estereotipam um ideal de mulher¹, cuja feminilidade encontra-se no “batom” e na

¹ Fazemos a demarcação no singular, Mulher, pois este ideal produzido pela cultura exclui as diversas outras formas de “ser mulher”, as múltiplas feminilidades, centrando-se no que Connel e Messerschmidt (2013) chamam de “feminilidade enfatizada”.

“maquiagem”. Ao fazer menção destes elementos construídos em torno do conceito hegemônico de mulher, ressalta-se a ideia do gênero como “representação” com implicações reais, concretas, subjetivas e materiais na vida das pessoas (LAURETIS, 1994). Aquelas, portanto, que não se enquadram nesta “feminilidade enfatizada” (CONNEL e MESSERSCHIMIDT, 2013) acabam tornando-se passíveis de expurgo, condenadas a serem corpos deslocados, rejeitados, imperfeitos. Além disso, há ainda um elemento de classe que não pode passar despercebido que é a ironia e a inferiorização das mulheres vendedoras autônomas de produtos de beleza de acessível às mulheres das camadas populares.

Nas imagens a seguir, retiradas dos comentários da matéria do UOL Esporte com o título “O domingo (7) de futebol terá decisões da Copa do Mundo Feminina, Copa América e Copa Ouro da Concacaf” (06 de julho de 2019), podemos perceber como as mulheres que não aderem ao padrão de feminilidade são lidas.

Imagem 9 – Comentários no UOL Esporte



Fonte: *Fanpage* UOL Esporte, 2019

Os comentários mostram que as mulheres, além de se apresentarem “femininas” em seus trejeitos, formas de falar, de se vestir ou de cortar o cabelo, precisam adotar uma postura dócil, de subserviência, de acomodação. A elas não é permitido reclamar ou ser contra, é preciso aceitar as regras tradicionais da feminilidade. Ao se posicionarem são percebidas como “chatas” e “prepotentes”. A mescla de características físicas mais brutas que o aceito pela cultura sexista e generificada, somadas às posturas de independência e personalidade, representadas na matéria pela imagem de Megan Rapione (atacante da seleção norte-americana), produzem o que o primeiro comentário destaca: a “muié macho”. Falando a

respeito das mulheres que ousaram/ousam romper com os limites traçados pela cultura, Goellner (2013, p. 34), argumenta que:

[...] seus corpos colocaram em tensão diferentes possibilidades de viver o ser mulher, portanto, podemos ler neles formas de romper com determinados essencialismos, atribuídos, por cada cultura e por cada contexto histórico, para o que seja por exemplo, masculinidade e feminilidade.

Assim, as masculinidades e feminilidades evidenciadas nos artefatos culturais midiáticos – ou digitais – indicam formas de os sujeitos moldarem seus comportamentos à luz destas representações, interpelados/as pelos textos verbo-visuais e pelos comentários que se inserem nos processos de educação mútua. As “verdades” contidas nestes discursos revelam-se como produtos históricos, práticas que se enredam nos (e são reproduzidas pelos) sujeitos, na tentativa de naturalizar/sedimentar o que é provisório, fluido e marcado por incongruências. Entendendo a educação como “vontade de governar, de moldar e dirigir condutas, em que as pedagogias são praticadas em distintos espaços e contextos” (COSTA e ANDRADE, 2015, p. 845), as redes sociais destacam-se por sua operação no cotidiano de uma sociedade por demais tecnológica e como ferramentas pedagógicas ensinam os sujeitos a se produzirem homens e mulheres.

FINALIZAÇÕES...

Como pudemos perceber, circulam, na internet, pedagogias culturais que ensinam e (re)produzem, de diversas formas, os comportamentos de gênero e sexualidade impostos pela nossa cultura. Essas pedagogias são produtivas porque passam (quase) despercebidas, sendo naturalizadas e (re)produzidas em diversos contextos, por mulheres e homens. Transitando em espaços marcadamente masculinos, as jogadoras da seleção feminina de futebol são submetidas a diversos ataques nas redes sociais, sejam estes bradando a não aceitação do deslocamento das posições construídas culturalmente para estas, sejam por carregarem julgamentos em torno das suas capacidades físicas e/ou emocionais, bem como questionamentos em torno de uma “não-feminilidade”.

As mulheres que se destacam no futebol, não necessariamente, burlam com a masculinidade hegemônica, ao contrário, muitas vezes, se inspiram nela para serem aceitas e

respeitadas como profissionais em um esporte que não foi feito por ou para elas. Essas mulheres, mesmo aquelas que ocupam postos importantes em suas carreiras, como a de representarem seus países em competições internacionais ou como jogadoras dos times mais importantes, não gozam do prestígio ou dos salários que seus colegas homens que ocupam posições semelhantes.

As pedagogias culturais acionadas no futebol - esporte que só se adjectiva a partir de elementos de gênero, quando refere-se às mulheres - são repetidas as normas aceitas (binárias e fixas) de ser homem e de ser mulher no mundo, questionando, problematizando, ridicularizando aqueles e aquelas que ousam burlar as formas naturalizadas e instituídas de ser, (re)inventando formas (por vezes, fluidas) de estar como sujeito de gênero em uma cultura como a nossa, o que precisa ser, cada vez mais, comum.

Referências

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Maria Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. *Textura*, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, mai./ago. 2015.

CONNEL, Robert W; MESSERSCHIMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr., 2013.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 843-862, maio/ago., 2015.

COSTA, Ana; BONFIM, Flavia. Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. XVII n. 2 jul./dez., 2014, 229-245.

DUNNING, Eric. "Figurando" o esporte moderno: algumas reflexões sobre esporte, violência e civilização com referência especial ao futebol. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 42, n. 1, jan./jun., 2011, p. 11-26.

FÉLIX, Jeane. “*Quer teclar?*”: aprendizagens sobre juventudes e soropositividades através de bate-papos virtuais. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

FONTANELLA, F. O que é um meme?: proposta para uma problemática da memesfera. In: SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 3, ESPM, São Paulo, 16-18 de novembro de 2009. *Anais...* São Paulo: ESPM, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In. LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.19, n.2, p.143-151, abr./jun. 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro). 12 ed. Rio de Janeiro, Lamparina, 2019.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

HORTA, Natália Botelho. *O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica*. 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Brasília, 2015.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org). *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-24.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, v. 25, n. 2, p. 59-76, jul./dez., 2000.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Histórias do futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010. (Coleção Ensino & Memória, 1).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. (Tradução de Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo). São Paulo: Contexto, 2014.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 57, n. 1, p. 13-18, 2004.

_____. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 09-27.

MORÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Campinas, v.26, n.2, p.73-86, jan.2005.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. A (in)visibilidade das mulheres no campo científico. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.30, p.133-148, jun.2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.

CUERPO Y TECNOLOGÍAS DIGITALES: IMPLICACIONES DE GÉNERO EN FÚTBOL FEMENINO

RESUMEN: El fútbol, así como otras actividades físicas, se construyeron culturalmente a través de un binario que divide a la sociedad en dos bloques: hombres por un lado y mujeres por el otro. Entre los distintos espacios socioculturales, hay sujetos que eligen difuminar los límites de una lógica coherente (vista como) entre el sexo y el género y deciden [res] significar su lugar de hombres y mujeres fuera de los patrones explorados por la cultura y la sociedad. Ante esto, nuestro objetivo es entender cómo la inclusión de las mujeres en los juegos de fútbol repercute en los discursos sexistas en las redes sociales. Metodológicamente, esta investigación se inscribe como cualitativa, documental, con interfaz entre los Estudios de Género y Sexualidad [s] y el campo de los Estudios Culturales de la Educación. Para este texto, elegimos Facebook como punto de partida para el análisis, entendiéndolo como una Pedagogía Cultural en la constitución de cruces de género y sexualidad que se encuentran en las imágenes elegidas y en los comentarios de los usuarios de Internet, haciendo las publicaciones sobre el La Copa Mundial Femenina 2019 ofrece espacios de sociabilidad y educación en torno a las posibilidades de experimentar el género y / o la sexualidad de estos cuerpos, leídos como femeninos, y que entran en el campo huyendo de las reglas predefinidas por la cultura.

Palabras clave: Cuerpo. Pedagogías culturales. Tecnologías digitales. Estudios culturales. Género.

BODY AND DIGITAL TECHNOLOGIES: GENDER IMPLICATIONS IN FEMALE SOCCER

ABSTRACT: Football, as well as other physical activities, was culturally constructed through a binary that divides society into two blocks: men on one side and women on the other. Among distinct sociocultural spaces, there are subjects who choose to blur the boundaries of a coherent logic (seen as) between sex and gender and decide to [res] signify their place of men and women outside the patterns scanned by culture and society. Given this, our goal is to understand how the inclusion of women in soccer games reverberates in sexist discourses on social networks. Methodologically, this research is inscribed as qualitative, documentary, with interface between the Studies of Gender and Sexuality [s] and the field of Cultural Studies of Education. For this text, we chose Facebook as a starting point for the analysis, understanding it as a Cultural Pedagogy in the constitution of gender and sexuality crossings that are located in the chosen images and in the comments of the Internet users, making the publications about the Women's World Cup 2019 spaces of sociability and education around the possibilities of

experiencing gender and / or sexuality [s] of these bodies - read as feminine - and that enter the field fleeing the rules pre-defined by culture.

Keywords: Body. Cultural Pedagogies. Digital technologies. Cultural Studies. Gender.

Submetido em: Agosto de 2019.

Aprovado em: Outubro de 2019.

Publicado em: Dezembro de 2019

